

CUBA: diário de uma viagem

**Si alguien que me escucha se viera retratado,
Sébase que se hace com ese destino.
Cualquier reclamación, que sea sin membrete.
Buenas noches, amigos y enemigos.**
Silvio Rodriguez, *Resumen de noticias*

A viagem redonda

Rio de Janeiro, 05 de janeiro

Esta será a narrativa de uma viagem que volta ao ponto de partida, uma viagem *redonda* mas não marítima e sim aérea, quer dizer, contada desde que o avião deixa o aeroporto inicial até regressar a ele outra vez.

Mas quando esta viagem, quando tudo o que nos precipitou para Cuba, sentimento do mundo de que talvez estejamos nos despedindo, começou? Há quase um ano atrás, quando meu amigo Peixoto falou de sua intenção em passar as férias de verão de 2001 em Cuba. Por que não vamos todos? – propôs Laura, a nossa mestra. Em novembro, com a aquisição das passagens, materializamos a decisão e iniciamos contatos com amigos de e em Cuba. Após várias conversas chegamos ao seguinte roteiro de viagem:

Rio de Janeiro - São Paulo - La Habana
La Habana - Pinar del Rio - La Habana
La Habana – Santa Clara
Santa Clara
Santa Clara - Playa Girón - Santa Clara - Trinidad
Trinidad
Trinidad - Santiago de Cuba
Santiago de Cuba
Santiago de Cuba - La Habana
La Habana
La Habana - São Paulo - Rio de Janeiro

Esse itinerário seria cumprido em 13 dias e alugaríamos taxi para o Ocidente (Pinar) e viajaríamos de ônibus para o Oriente (Santiago de Cuba), passando por Trinidad. Tínhamos indicações de lugares interessantes para visitar nas diferentes cidades (o Museo de la lucha contra bandidos, por exemplo!) mas o nosso maior interesse é o de conversar com as pessoas, trabalhadores, sindicalistas, intelectuais, membros do partido, sobre o que se passa na ilha, o que sentem, quais as suas expectativas

e temores. Não se deve esquecer, é claro, de coisas mais prosaicas. Assim, banhar-se nas águas da Playa Girón, onde os mercenários pagos pelo governo americano liderado por John Kennedy foram rechaçados, em 1961, é um desejo que compartilhamos com Laura.

Finalmente chegou a esperada mensagem de Lucia, em resposta a outra enviada pelo correio eletrônico no fim do ano passado. Dizia apenas:

Estimado eduardo: Nom he temido mucho tiempo y hace bastante frio, mas o menos 15 o 18 grados pero com alta humedad que la sensacion es de (me)nos 6 grados. Todo va a salir bien. Carinos a todos. Lucia/

No verso do papel onde eu imprimi a mensagem estava escrita a seguinte referência:

ALCANTARA, Euripedes. Sabor da Vida em Dólar. Veja, São Paulo, v 1530, n. 3, p 32-39, jan. 1998. Que estranho!

Então comecei, finalmente a envolver-me emocionalmente com a viagem para Cuba. Logo à noite, após preparar a mala, assisti ao noticiário da CNN sobre o clima no planeta. Frio intenso no hemisfério norte, nevascas nos EEUU, chuvas em todo o Caribe. Será que amanhã o tempo vai melhorar? Ontem à noite, na nossa última reunião antes da partida, conversamos outra vez sobre o itinerário. Lia esteve presente.

DIARIO DE VIAGEM – PARTE 1

São Paulo, 06 de janeiro

Por volta de 9:15 começamos a embarcar no vôo 351 da Aviación Cubana. O check-in foi feito manualmente devido a algum problema técnico. Era um sinal? Apesar do atraso de mais de meia hora, tudo transcorreu bem. Durante o percurso demorado e cansativo, conversamos com os passageiros, um das quais uma jovem mãe, acompanhada de seu filho. Natural de Cuba, mora agora em Goiás, é pediatra. Conversamos sobre Cuba. Faço referência à composição étnica da população, com predomínio de mestiços e a médica concorda. Pergunto se a mestiçagem trouxe ganhos biológicos. Depende, respondeu ela e disse que no caso da anemia falsiforme, houve, por conta da mestiçagem, uma disseminação da doença. Hoje se encontra casos em brancos, louros e de olhos azuis. A única opção para evitar a transmissão hereditária é o aconselhamento médico dos casais, com base em diagnóstico genético. Continuamos conversando enquanto tirávamos algumas fotos das alturas, então, avistamos lá embaixo, finalmente, a ilha de Cuba! Uma ilha cercada por uma deslumbrante fossa abissal (a fossa de Cayman) que subitamente se interrompe... num banco de corais? Estamos todos excitados com a chegada.

O comandante faz um pouco perfeito, aplaudido por todos nós. Ele aproveita, ao agradecer-nos pela escolha da empresa aérea, para informar a presença de um grande número de brasileiros que vinham para um curso de mestrado em Educação. No aeroporto, a recepção dos motoristas autônomos, talvez ilegais como no Brasil, já vão pegando a sua bagagem, a gente começa a aprender a desvencilhar-se com um seco e incisivo *no, gracias!*

As primeiras impressões

La Habana, 6 de janeiro

Rumo ao nosso endereço, o Hotel Neptuno, em Playa, ao observar a paisagem, eu sinto uma familiaridade com Recife e depois com a zona da Mata de Pernambuco. São mais ou menos vinte quilômetros de distância do aeroporto de La Habana - moderno, simples, bonito, com as bandeiras de todos os países, inclusive a do Brasil, dependuradas - que nos custou a tarifa fixa de 15,40 dólares (ou

30,80 reais, menos do que se gastaria em semelhante percurso em nosso país). Muitas pessoas nas ruas calmas, arborizadas, quando atravessamos Marianao.

No caminho, conversamos com o motorista sobre a organização administrativa e o sistema de poder em Cuba. Marianao é um "município" que, como Playa, Vedado, etc., fazem parte de La Habana. Esta é a capital do país mas não a sede da Província de La Habana (agora não recordo o nome desta capital provincial). La Habana tem o estatuto semelhante ao Distrito Federal no México ou no Brasil. Cuba é uma ilha que se estende do ocidente ao oriente, com 11 milhões de habitantes, dos quais dois milhões na capital. A maioria da população vive em cidades. O sistema de poder é centralizado e unitário. Organiza-se a partir de pessoas escolhidas diretamente nas localidades dos municípios e em seguida, em níveis sucessivos, por delegação, chega-se à assembléia nacional. A participação foi marcante a partir da intervenção imperialista e as inúmeras tentativas contra - revolucionárias que praticamente cessam ao final da década de 60. Os conselhos de defesa da revolução - CDR - organizados nas cidades por quadras, tiveram um papel decisivo na legitimação da opção cubana pelo socialismo.

O nacionalismo deita raízes profundas em Cuba. Pouco antes de viajar li o texto "Breve análise sobre Cuba", de Eduardo Dmitrov, publicado na Internet (**Sociedade:** <http://www.geocities.com/capitolhill/3021>)

Cuba, uma ilha caribenha de área equivalente a 114.525 km², foi a primeira colônia Espanhola e a última a adquirir sua independência. Tendo um processo tardio de libertação da Espanha, a luta pela independência foi adicionada a críticas das

contradições capitalistas. Estando a poucos quilômetros dos Estados Unidos, toda a independência foi tutelada por Washington que exerce um certo controle sobre a ilha a fim de garantir seus interesses econômicos e políticos. José Martí foi grande líder da luta pela independência cubana e contra a intervenção norte-americana além de criador do Partido Revolucionário Cubano.

Quando o Partido Revolucionário estava para triunfar na batalha contra a Espanha os americanos desembarcaram suas tropas com a desculpa de pacificar aquele país. Desse modo a independência plena de cuba foi frustrada pois agora livre da Espanha estava dominada pelos EUA, de uma forma mais mascarada, camuflada porém imperialista. Cuba obteve sua independência formal em 1901, mas hipotecada aos Estados Unidos. Esse obrigou o país caribenho a assinar um acordo chamado Emenda Platt, em que era reconhecido o direito norte-americano de controlar a política e a economia cubana a todo momento que julgasse de interesse da população cubana, sob a desculpa de "proteger a vida, a liberdade e os bens de seus cidadãos". Além disso, os EUA adquiriram o direito de estabelecer uma base militar na região de Guantánamo, até 1999, base que sobrevive até hoje.

Ao encontramos, transitando pelas ruas, *chevroletes* e *ladas*, foi impossível não pensar na intervenção e no longo domínio americano e, também, no alinhamento de Cuba ao lado URSS no conflito entre socialismo e capitalismo. Aliás, a sensação de estarmos vivendo, a cada momento, uma fase da história mundial, vai tomando a gente à medida em que o tempo passa e buscamos entender *o que se passa*.

Tudo salta aos olhos: notável, por exemplo, nesta passagem por Marianao, como os prédios carecem de reforma ou mesmo de pintura; por todos os lados vemos inequívocos sinais de vida que lembram os subúrbios cariocas - as roupas penduradas nas janelas, as crianças nas ruas, as pessoas conversando animadamente nas ruas ou pequenas multidões à espera de transporte coletivo.

Passeio por Habana vieja

Depois de um rápido banho no Hotel Neptuno (um hotel de três estrelas, razoável, mas o preço de 58\$ é promoção de pacote de viagem adquirida no Brasil), resolvemos sair para assistir ao por do sol no Molecón, caminhar pelas ruas de *Habana Vieja* e depois jantar, quem sabe num *paladar*.

Teremos a oportunidade de sermos guiados por duas jovens cubanas, uma das quais veio buscar uma encomenda trazida por Peixoto mas que ele não conhecia pessoalmente. Chama-se Nísia, uma negra, bonita, extrovertida e chega acompanhada de Marita, uma jovem mulata que, ao contrário da amiga extrovertida, é bastante tímida e encontra alguma dificuldade em entender o nossoportunhol.

Por falar em mestiçagem, vale abrir aqui outro parênteses para falar desse assunto. Em conversas com amigos no Brasil, haviam comentado sobre a permanência, na sociedade (mas não no governo e no partido), de preconceito racial em relação aos negros. Porém não seriam os negros a maioria na população cubana? Lendo o texto de Eduardo Dmitrov, encontrei os seguintes dados:

COMPOSIÇÃO ÉTNICA EM CUBA – 1968 A 1998 – EM %

	1968	1981	1998
Mestiços	14	22	52
Negros	12	12	11
Branços	74	66	37

Fechando o parênteses. O assunto de nossa conversação, enquanto caminhamos pelas ruas ao por do sol, em *Habana Vieja*, volta e meia assediados por um jovem que nos quer vender tabacos ou uma velha senhora pedindo esmola, é inevitavelmente a situação no país. Chegamos à praça da Catedral, e me dou conta do ambiente fantástico em que nos encontramos, lembra o cenário de um filme de Fellini. Os turistas ouvem música ao vivo enquanto, ao largo da igreja iluminada, quase no compasso de *Chan chan* agora executada pela banda musical, passa um homem idoso, pobre, arrastando lentamente seus trastes numa carrocinha improvisada sobre rodas de rolimã.

Caminhamos mais um pouco, a fome nos assalta, então há uma "oferta" de um bom *paladar*, Nísia explica que não sabe onde jantar nesta parte histórica e turística de Habana. Aceita a oferta de um rapaz para nos conduzir a um *paladar*. Caminhamos um pouco, passamos por uma farmácia e um hotel que filmamos, dada a beleza da construção, e finalmente chegamos ao lugar de nossa tardia ceia, um ambiente absolutamente *kitsch* onde nos servem uma boa comida com o preço "aos olhos da cara". Então, durante o jantar, tivemos a oportunidade de conversar sobre Cuba e seus dilemas históricos. O tema da conversa continuou no dia seguinte, em casa de Lucia.

O que uma cidade revela ao seu visitante imediatamente? Seu núcleo turístico, quer dizer, a sua arquitetura, urbanismo, comida, arte, diversões, por onde flui, em fragmentos, a história. Não há como escapar da história porque somos permanentemente solicitados a encontrar uma explicação para os fatos contrastantes do cotidiano. A revelação não é fácil e nem gratuita. Com isto deve-se atentar também para os preços sempre elevados para os turistas - ainda mais depois da dolarização da economia. Para adentrar-se na vida de qualquer lugar, é indispensável furtar-se às garantias do turismo. Foi o que fizemos, ao alugar *habitaciones* para nós, caminhar a pé, seguirmos a nossa intuição (comandados por nossa mestra), abrir-nos para o inesperado.

Na primeira noite fora do esquema turístico, não conseguimos tomar banho quente porque não havia chuveiro e, conseqüentemente, água quente. Como tudo fora improvisado rapidamente, eu passei frio devido a falta de um cobertor. Mas a casa era relativamente boa e grande, então eu pensei na precariedade em que as pessoas viviam, o lado exterior das casas, sem pintura, continuava paredes adentro, faltava dinheiro e pessoas qualificadas para consertos e manutenção.

O aluguel de quartos é uma concessão governamental, paga-se uma certa quantia por isto. A palavra concessão é uma tradução para uma economia mixta, privada e estatal, gerida pelo Estado. O setor privado compreende o trabalho autônomo nos serviços voltados ao turismo, como alimentação nos *paladares*, taxis em dois dias por semana, o aluguel de *habitaciones* de um lado e a participação das grandes corporações capitalistas estrangeiras, isto é, capitalismo, de outro. Concessões feitas para retirar a economia da crise em que entrou a partir do colapso do socialismo na URSS no começo dos anos 90. Os resultados aparecem agora com o crescimento da economia, a relativa abundância na alimentação, o fim da fome que marcou o auge da crise em 1993.

As conseqüências do ponto de vista social foram vistas como graves por Lucia, como a estratificação das desigualdades entre os que trabalham por conta própria (seria uma incipiente pequena-burguesia?) e os trabalhadores assalariados, e dentre estes, os pertencentes ou não aos setores estratégicos da economia. Simbolicamente, a diferença marca-se em torno da moeda - quem ganha em

dólar e quem recebe em pesos. A taxa de conversão é de 1\$00 para 21 pesos (câmbio de 6/01/01) para salários muito baixos (um professor universitário recebe 400 pesos ou 20 dólares) e preços dos bens e serviços em dólar. O cartão de racionamento, a *libreta*, garante, em pesos, uma ração mínima (pão, arroz, açúcar, sabão, grãos e óleo) per capita quantitativamente insuficiente para um mês. O resto precisa ser comprado nas lojas estatais - *tiendas e shoppings* - em dólar. Há casas de câmbio para facilitar a conversão.

Resultado inevitável: o povo "se vira" mas a solidariedade se enfraquece, enquanto a "corrupção" se generaliza. O exemplo nos foi dado por ocasião da visita ao Museu Municipal, no domingo, 07 de janeiro. Uma guia solícita e simpática nos garantiu que poderíamos tirar fotos sem que fôssemos, ao contrário do que iria nos acontecer no andar superior, cobrados por isto. De fato, na parte superior, uma funcionária literalmente acossou Peixoto para afinal conseguir arrancar-lhe não caramelos, porque ele não os tinha, mas 25 cents.

Discutimos muito entre nós, até desmaiar de cansaço, sobre as contradições que afloravam aos nossos olhos. Uma coisa é certa: ninguém pode permanecer indiferente em Cuba.

Contrastes

Domingo, 7 de enero

De manhã resolvemos ir à *Plaza de la Revolución*. No caminho, percebemos a grandiosidade monumental de La Habana, uma cidade com poucos edifícios altos. Laura comenta que era expressão (ou acumulações, diria Lucia) de quase quinhentos anos de história, pois a cidade foi, a partir de 1520, rota obrigatória do comércio de Índias da Espanha; depois desenvolveu sua própria economia, com o açúcar e o tabaco, muita riqueza e fausto visíveis nos registros arquitetônicos. Aqui funciona o Hospital infantil, disse-nos o motorista e desviou o curso de nossa conversa para o problema dos medicamentos, lembrado por Peixoto. A causa é o bloqueio americano, argumentou o motorista. Por que? O governo precisa comprar de terceiros a *medicina que nos hace falta*, encarecendo os produtos. Quais? Alguns antibióticos. Ficamos um pouco em silêncio, pensativos. Avistamos então a Plaza, com o famoso retrato de Che Guevara, e, quando paramos o taxi para encaminhar-nos ao museu, ouvimos apito do guarda que, ato contínuo, estava literalmente sobre nós (de onde tinha saído aquele guarda?) Foi um equívoco porque o *Museo de la Revolución* *ubicase en Habana Vieja*, enquanto aquele na praça da Revolução era um outro museu. Mas a experiência serviu para mostrar-nos a eficiência do aparato de segurança. Aqui vale lembrar que Fidel Castro foi alvo, ao longo de sua existência (ele deve ter 65 anos de idade) de 43 atentados. Consta que ocorreram mais de 600 tentativas de eliminá-lo! Em toda a parte turística é visível e ostensivo - e mesmo assim, o assédio aos turistas existe.

Entretanto, a experiência também serviu para outras coisas. Para descobrir que, como empregado, o motorista do taxi deve anotar todo o percurso, com indicação de hora e valor constante no taxímetro. Disse-nos que nas terças e quintas, ele trabalha para si mesmo, que os taxis mais baratos são os estatais como este azul de marca Renault em que nos movíamos. Ademais, há vários tipos de taxi, alguns dos quais (os velhos Ladas) estão proibidos de acessar a área hoteleira de Playa, os *cocotaxis* que circulam na *Habana Vieja*, etc.

Descobrimos também que o inesperado nos propicia geralmente boas coisas (sempre acompanhadas inevitavelmente de outras nem sempre agradáveis). Impedidos de visitar o citado museu, dirigimo-nos à parte antiga da cidade. Eu disse, sem pensar muito, "há males que vem para bem". *Lo que sucede conviene*, transliterou o motorista de taxi, sorridente. Referia-se a um ditado *yoruba*, com o que concordamos plenamente. Este passou a ser o nosso lema em Cuba.

Então, para a nossa sorte, deparamo-nos, na *calle Obra-pia* (tinha que ser exatamente nessa rua comentou LAura), um restaurante estatal de ótima comida com o preço mais barato que havíamos de encontrar em nossa estada em Cuba. Na *Cafeteria Torre la Vieja*, oferta de *pollo*, *cerdo*, *picadillo de pavo* a 2\$50 e 3\$00, *cerveza Cristal* a 1\$00, que maravilha, um lugar fantástico e calmo...até que, por causa do rompimento de um cano, apareceu um caminhão pipa para abastecer de água as casas daquela rua. O serviço era gratuito e não, como entre nós brasileiros, cobrado por empresa particular. Após este almoço fantástico, ainda que não muito farto (caberia acrescentar quem sabe o talharian a napolitana com *pedacitos de queso* ao custo de apenas 0\$85!), retornamos à Plaza de la Catedral. Peixoto e Laura entraram num museu. Fiquei bebendo uma água mineral e dali assisti a vistoria dos documentos de três

jovens cubanos, negros, por um policial que verificava, através de *walk-talk*, provavelmente se eles estavam com a "ficha policial limpa".

Garantir a segurança dos turistas que, segundo a revista *Sol y Son, la revista internacional de cubana de Aviación Cubana*, n. 63, diciembre de 2000, significa também garantir a entrada, neste ano, de uma renda estimada em 2 bilhões e 500 milhões de dólares! Entretanto, não se trata, na maioria, de turistas ricos, pois estes foram os ingressos trazidos por algo em torno de 2 milhões de turistas, o que dá a média de 1250\$00. Seguiu-se a jocosa cena de uma "falsa baiana", quer dizer, um travesti, dançar com um gringo, assistida por uma platéia de cubanos curiosos. Anoitecia quando resolvemos visitar a famosa *Bodeguita del Medio*. Enquanto no andar térreo, onde nos encontrávamos, um trio improvisava canções a pedidos dos fregueses, no piso superior um grupo profissional tocava para gringos. Ouvimos pela primeira vez *Hasta siempre*, a canção revolucionária em memória a Che Guevara.

Nossa noite encerrou-se com um espetáculo organizado pelo artista plástico Salvador e a *Casa de Africa*, na rua Obra-pia. É difícil descrever o espetáculo. Pode-se dizer que foi inicialmente uma desconstrução musical, cênica, performática, da cultura europeia. Deve-se imaginar uma configuração cênica na qual os orixás da vida, do sexo e da morte passeiam, um dos quais com tocha de petróleo ardente, enquanto um monge cristão tenta exorcizá-los com incenso e, neste ambiente envolto em densa fumaça, ouve-se o som crescente dos atabaques em meio a uma música de Jean-Michel Jarre, seria *Ethnicolor 1 ?*, a música como a vibração das imagens no interior do coração do ouvinte. Nesse mergulho em direção às raízes afrocubanas e é como se também nós três tivéssemos retornado ao nosso próprio passado.

Na Serra do Rosário

Lunes, 8

Saímos por volta de 9:30 horas num velho *Lada* alugado. Quando estávamos subindo a serra, com destino a Vinhales, em Pinar del Rio, o automóvel demonstrou inequívocos sinais de esgotamento. E lá fomos nós (estas imagens estão gravadas) a pé, enquanto o carro subia conduzido apenas por Roberto, o nosso motorista, um sujeito engraçado, de poucas falas, com cara de pugilista. Enquanto caminhamos, Lucia nos ensina a voltear com as mãos na cintura, apoiando as costas pois desse modo sentimos menos cansaço. Mas pelo visto tratava-se de uma nova lei da mecânica, pois foi aplicada, com alguma relutância, por Roberto, para evitar que o motor do valente automóvel russo falhasse novamente. O que se passava? No início, engasgou por causa da mistura de água na gasolina, um expediente que baixa o preço do combustível. Depois, o problema foi a falta de água no radiador. Foi assim que chegamos nas proximidades de um povoado, na entrada da casa de um médico de família. Lucia sugeriu conhecermos um povoado no interior da Serra do Rosário. Entretanto, estava algo incerta quanto ao caminho, "quantos anos se passaram", "não havia nada disso ainda aqui", "agora entra para cá", dizia ela de tempos em tempos e assim chegamos na *Cañada del Infierno*, por onde corria um rio de águas geladas e transparentes, silenciosamente, sobre um fundo de rochas dispostas em lâminas finas sobrepostas. Uma luz esverdeada parecia sair destas águas. Estávamos numa área considerada reserva da biosfera, tínhamos passado por barreira policial, visto um pequeno incêndio sendo debelado ao longo da rodovia que aliás estava em muito bom estado. Alcançamos a localidade de *Las Terrazas* por volta das 14:00 horas, onde tivemos nosso *almuerzo*. Aqui se via, na estrutura das casas em volta de um lago, uma das conquistas sociais da revolução (ao que parece inspirada por Celia Sanchez) de que se beneficiava o campesinato da região. Pessoas comuns, camponeses e pessoal do serviço local, moravam ali, passavam todos os dias por aquela paisagem, tinham a mesma vista de Lucia mas não a sua memória. Provavelmente não sabiam que em 1968, os estudantes da Universidade de La Habana e os de Paris-Vincennes, convidados por Fidel Castro, estiveram juntos naquela colina, acampando sob as estrelas e sonhando com a primavera dos povos. Passamos por *El Cafetal*, uma antiga fazenda de café transformada em museu arqueológico dos tempos sombrios da escravidão sob o domínio de senhores franceses. Infelizmente estava na hora de fechar - todas as áreas de patrimônio nacional terminam seu expediente às 17:00 horas.

Terminamos nosso passeio no povoado de Cayajabo, pertencente ao município de Artemisia. Talvez tenha sido o primeiro (de outros tantos) momento verdadeiramente encantador de nossa estada em Cuba. Saltamos do carro e caminhamos pela poeirenta rua principal, enquanto entardecia. Uma cena de burburinho, pessoas deslocavam-se a pé, outras em carros antigos, caminhões, tratores, dezenas de escolares estavam entrando, numa algazarra, em um caminhão improvisado de ônibus. Eu estava filmando quando me dei conta de que estávamos adentrando uma casa, no interior havia uma estátua de Santa Bárbara de Cuba, ao sair havia um grupo de crianças brincando, um deles estava fantasiado com máscara, chapéu e capa, trazia na mão uma espada, vendo-o mais de perto, era de madeira e Laura observou que transformara um saco de lixo aberto ao meio em capa, eu perguntei-lhe de sopetão "Quem és, o Zorro?" e o outro garoto, com quem lutava respondeu *No, es mi hermano!* e caímos todos na gargalhada. De repente, vejo que está lutando com Peixoto, estou filmando os dois e grito Peixoto, morre! Ele reluta quase um minuto e depois, teatralmente, deixa-se ferir mortalmente e cai, de bruços, apoiando-se nas duas mãos. Para o espanto maravilhado da gurizada, estende-se no chão e de sua mão agora inerte, escapa a espada. Aplausos e alegria geral. Antes de retomarmos a viagem de volta a La Habana, ainda entramos numa *bodega*, ali quase nada há para vender. Vejo um cartaz, está escrito *Artemisia, a la vanguardia* e comento que Artemisia, ou Artémis era uma deusa grega, a valente deusa da caça, também conhecida pelos romanos como Diana, a caçadora, então um senhor, um negro, sorriu, seus olhos brilharam de satisfação e eu também. A noite caiu rápido. No horizonte, a nuvem escura de uma frente fria chegava à ilha.

Depois do jantar, ainda conversamos muito, tendo Lucia manifestado sua amarga paixão pela revolução cubana.

DIARIO DE VIAGEM – PARTE 2

O espírito da revolução

Martes, 9

Conforme acertado anteriormente, um amigo de Peixoto, Morales veio de automóvel buscar-nos para conhecer Santa Clara e a região próxima. Esse simpático e miúdo homem é um historiador, um estudioso mas também homem de partido, alguém cujo conhecimento beneficia-se de suas próprias raízes e que, guiado pelo farol da verdade, não alenta o oficialismo. Agora me dou conta que uma das acepções cabíveis a seu tamanho é a de escrupuloso, minucioso, cuidadoso. Pois assim era. E, caramba, falante, como falava! *Despacio, despacito*, dizíamos, enquanto deixávamos, pela autopista, Habana embaixo da chuva. O nosso historiador, ao contrário, fala quase sem parar sobre as suas investigações sobre o campesinato. O clima ia melhorando à medida em que nos aproximávamos de Santa Clara, urubus-reis sobrevoavam a rodovia estranhamente deserta, ali na frente estavam disputando, na pista, a carniça de um animal morto.

Entramos num bairro de aparência pobre e visitamos a casa de Juan. Sua companheira, Dolores e a filha menor nos esperavam. Conversamos animadamente sobre música, a outra filha de Juan apareceu, uma jovem bonita e depois verifiquei que a falta de inibição e a extroversão eram características culturais do povo cubano, um povo superlativo. Ou superlatino, como corrigiu Peixoto; ao que eu acrescentaria o sinônimo de superladino, para dar conta tanto do desenvolvimento intelectual e como da astúcia da maioria das pessoas com quem nos relacionamos. Depois da troca de *regalos* e conversas, seguimos para o município próximo a Santa Clara que, apesar de ser igual a tantos outros do ponto de vista urbano, ofereceu-nos a oportunidade de um pequeno espetáculo, denotando uma vida mais tranqüila do que a da capital. Refiro-me ao fato de que dois pássaros mantinham um ninho dentro da sala do prédio do poder municipal. Em seguida fomos até a casa onde ficamos hospedados por um dia. Lá tivemos um bem temperado e farto almoço, como ademais no resto de nossa estada em Cuba.

Sem dúvida o momento mais emocionante de nossa estada em Cuba foi a participação na aula de canto do coro na Casa de Cultura. No palco de uma sala de teatro, um coro de meninos e meninas cantava, sucedendo-se individualmente no microfone, ao som de música gravada em fita cassete. A aula foi interrompida por um momento a aula para que pudéssemos apresentar-nos, o que fizemos com muita emoção mas ninguém mais do que Peixoto, a estas alturas *puro corazón*. Depois, ao som do violão, exercícios para voz. Pouco depois, talvez porque a nossa presença surtisse efeitos na

concentração da garotada, a instrutora de música convidou-nos para uma conversa. O que significava a música para aquelas crianças? A palavra paz e união entre os povos, o conhecimento e o respeito pelas diferenças culturais, que uma delas denominou simplesmente de amor. E de qual gostam mais? *La rumba, para bailar*, disse uma menina dona de uma bela voz, ao passo que um menino respondeu direta e francamente - *o rock* - e rimos todos. Enquanto nos despedíamos, a diretora da Casa de Cultura afirmou que a música integra-se à vida das crianças através das raízes local e nacional, e da dedicação aos estudos, estimula a socialização, o respeito mútuo e a solidariedade.

É muito importante falar de paz. Num folheto que recebi há um texto de Eduardo Galeano no qual ele afirma:

Quizá las guerras son humanitarias en el sentido de que matan cada vez más humanos sin uniforme.

Ao longo do mais carniceiro século da história da humanidade, houve 15% e 65% de mortos civis na duas grandes guerras mundiais, taxa que alcançou, nos cinqüenta anos seguintes, a alucinante marca de 90%. Galeano lembra do impacto posterior da guerra contra a Yugoslavia, na qual as tropas da OTAN, tal como fizeram no Iraque, utilizaram mísseis anti-tanques com urânio empobrecido. Segundo o instituto de investigações Landau Center, em relatório apresentado ao governo italiano, cada míssil Tomahawk pode gerar 1.600 enfermos de câncer.

Miércoles, 10

Tomamos um micro-ônibus com destino a Playa Girón, com o confessado intuito de banharmos nas águas daquela histórica praia. Nessa praia aconteceu a famosa batalha da Playa Girón, em abril de 1961, uma sangrenta batalha de 72 horas que decidiu o destino de Cuba. A invasão dos mercenários dirigida pelos Estados Unidos foi planejada durante o governo Heisenhower, sob o comando do vice-presidente Nixon mas executada pelo seu vitorioso oponente, o presidente John Kennedy. A Baía dos Porcos e a localidade da Playa Girón foi escolhida por sua localização, um lugar ermo, numa grande área de manguezal, hoje reserva da biosfera e onde se encontra atualmente um criadouro de crocodilos. Precedida de bombardeios dos aeroportos cubanos, a invasão foi detectada simultaneamente pelos trabalhadores, a milícia e a polícia de fronteira. Dezenas de cubanos morreram sob a metralha e as bombas dos aviões mercenários mas a chegada das tropas das Forças Armadas, com Fidel na liderança, reverteu rapidamente o quadro.

Aviões foram derrubados e os escombros de um deles encontra-se na área externa do museu de Playa Girón. Um dos pilotos mortos era americano mas o fato foi negado peremptoriamente pelo governo dos EUA até que, em 1991, de posse de evidências documentais facilitadas pela abertura dos acervos do serviço secreto ao público, a sua família conseguiu a remoção dos despojos. O desconhecimento fazia parte da estratégia de instalar na região, com o apoio de cubanos exilados, um governo provisório para, em seguida, justificar uma ofensiva em larga escala "a pedido" desse poder fantoche.

Grande foi a nossa decepção quando, após visitar o museu erguido para guardar a memória deste evento, adentramos no espaço fechado de um clube freqüentado por turistas que pela vista eram americanos. Isso não nos impediu de ter o gosto de mergulhar nas águas caribenhas de Girón mas certamente teria sido melhor se o clube, cuja construção fora interrompida com a invasão, tivesse abrigado o museu e vice-versa.

Ao final da tarde, no ponto de parada (Rumbos), embarcamos no ônibus com destino a Santiago de Cuba, uma viagem que terminaria muitas horas depois na Plaza de la Revolución daquela cidade portuária. O incidente da exclusão de cubanos que tentavam pegar o ônibus, pois não tinham condições de pagar a passagem de 39 dólares marcou o início da viagem que, noite adentro, insone, envolveu-me na conversa com uma jovem mulher cubana. Foi depois da primeira parada. No bar, onde ouvimos um trio tocar e cantar músicas cubanas em excelente desempenho, e descobrimos o veio campesino da música cubana, dei-me conta (aliás, fizeram dar conta, pelo alarido) de um grupo composto por dois estrangeiros, acompanhados de suas namoradas mestiças e de uma outra, branca que parecia exercer sobre todos uma espécie de liderança. Seu nome era Lena.

A caminho de Santiago

Tudo começou tarde da noite, com a reclamação de um passageiro, um francês, de que o falatório entre elas não o deixava dormir. Talvez Lena sentisse necessidade de dar contas da situação em que se encontravam, pois rejeitou a afirmação de que o namoro com italianos (ah, os estrangeiros eram italianos) significava a mesma coisa do que prostituição, uma afirmação segundo ele, da mulher de Raul Castro. Ai, perguntou-me como elas poderiam viajar neste ônibus sem o apoio dos namorados, o que infelizmente me fez lembrar do incidente do embarque. Acrescentou que gostava demais de sua cama, de sua casa e da mãe, que os italianos eram gente *fria*, não conseguiria viver fora de Cuba. Nossa conversa girou em torno do problema da maior igualdade social em Cuba comparativamente ao Brasil, e ela argumentava que concordava com o que dissera e ensinara o comandante (Fidel), ele explicara tudo direito, que era necessário recuar, o que era e o que não era capitalismo, as conquistas que seriam mantidas, a necessidade que, imperiosa, nasceu da situação extrema. Houve assaltos, roubos, uma mãe roubou medicamento para seu filho numa farmácia, o povo cubano foi atirado *mira, en un hueco, un vacio*, onde ia morrer – foi dizendo ela rapidamente, as palavras quase se atropelavam umas às outras e a própria escuridão em que nos encontrávamos no interior daquele ônibus ajudava a imaginar aquela dramática situação. Foi um longo monólogo noite adentro que acabou em Camaguey. Falou da dolarização da economia. Este é um problema somente para quem não é protegido. Proteção? O que quer dizer isso, é a libreta, perguntei. Não, proteção, explicou, era uma espécie de cheque de que dispunham os pescadores, as forças armadas, o pessoal do turismo, para comprar nas *tiendas*. Os professores e os jubilados eram, nesse sentido, desprotegidos. Mas a situação não tinha, com a política econômica, melhorado? Ela reconheceu que sim, citando a diminuição dos preços de alguns bens essenciais, como o arroz mas havia muitos e muitos problemas, como a questão do saneamento no local onde residira antes, reclamar não adiantava, tudo dependia do Estado que não agia (e eu logo pensei nas constantes denúncias veiculadas inclusive pelos meios de comunicação sobre o mesmo problema talvez mais grave e em maior escala no Brasil, sem solução há décadas, como em municípios da Baixada Fluminense), eu acho que ela queria desabafar, deixei-a falar. As soluções individuais expressavam a "inventiva" do povo cubano mas era mais para garantir a suas sobrevivência e isso, aí estava o problema, acabava com a solidariedade entre as pessoas que estavam muito egoístas, acabou a amizade com essa preocupação em torno do dinheiro. Os turistas tornaram-se alvos fáceis nessa situação e então o governo aumentou a segurança nas ruas, sem nada resolver do ponto de vista econômico e da solidariedade. Exemplificou com a concessão de aluguel de quartos por particulares a turistas. O governo fica com 300 dólares e isso é muito, afirmou. Mas se considerarmos o aluguel de uma *habitación* a 20 dólares por pessoa durante um mês, ficavam nas mãos dos locatários a quantia de outros 300 dólares. Também era bastante, pensei. De alguma forma os cubanos, voltou ela ao assunto, estavam aprendendo com os turistas, tinham de cuidar melhor de suas casas, oferecer mais conforto. Não sei se entendi bem quem era Lena. Alguém que já fora politizada, pertencera quem sabe à Juventude Comunista e por circunstâncias da vida, perdera suas crenças? Ou era uma cafetina, agenciando as duas jovens de idade nitidamente inferior? Ou ambas coisas? Quer dizer - uma prostituta politizada? Meus pensamentos, após nos despedir-nos (o ônibus parou em algum ponto na cidade de Camagüey), tornaram-se cada vez menos conexos. O restante da viagem transcorreu na mais absoluta inconsciência. Uma madrugada de sono pesado, sem sonhos, da qual emergi dolorido, nas proximidades de Santiago de Cuba.

Onde tudo começou

Jueves, 11 de enero.

Não é fácil gostar dessa cidade à primeira vista. Sim, porque a impressão inicial, quando se chega na proximidade dos hotéis, na parte antiga da cidade é, nas primeiras horas da manhã, de ser uma cidade absolutamente caótica. Não há separação entre o comércio, o turismo e os monumentos históricos, os (poucos) mendigos, os vendedores de charutos, a prostituição em meio à presença dos *gringos* – tudo se confunde na fumaça dos carros de diferentes marcas e épocas, causando um certo desconforto. Quase não avistamos policiamento e, aos poucos, percebemos que, diferentemente de La Habana, aqui em Santiago a convivência entre todos é relativamente pacífica. Entretanto, a sensação de

insegurança predominou entre nós, inclusive porque as ruas eram menos policiadas, pouco iluminadas, as casas com aspecto mais abandonado.

Pela manhã, estivemos na Casa Diego Velasquez, uma casa cuidadosamente preservada, com objetos da época desse governador geral de Cuba do século XVI que rivalizava com Pizarro, do México. Impressionante foi a descoberta da pintura uma quermesse nos Países Baixos do século XVII, atribuída a David Teniers II, segundo a nossa guia. Saimos. Nas escadarias de acesso à catedral, somos cercados pela tradicional clientela da caridade cristã. Entramos na Catedral, uma construção eclética, sem grande interesse artístico mas que nos brindou a possibilidade de conversarmos o "zelador" da igreja. Peixoto perguntou quais eram atualmente as relações entre o Estado e a igreja católica, ao que ele respondeu ter melhorado muito após a visita do papa, acrescentando que havia mais tolerância. No passado, reuniões de cunho religioso eram ostensivamente vigiadas. Falou dos limites da tolerância, dando como exemplo o fato de que não se podia abrir novas igrejas e de que os batistas e a religião afrocubana eram mais beneficiados. Ao comentar que a Igreja católica havia se colocado ostensivamente contra a revolução, lembramos também que uma posição mais progressista caracterizou a igreja católica somente na década de 60, ou seja, depois da revolução em Cuba.

Almoçamos num *palador* onde a dona referiu-se, entre os pratos incluídos no cardápio, *la carne prohibida*. No cardápio constava, contudo, apenas bife de fígado, algo impensável. Enquanto Peixoto e eu escolhemos o tradicional *pollo*, E. preferiu provar os *camarones*.

Como não tínhamos referência de uma casa particular para ficar em Santiago de Cuba, fomos para um hotel. Peixoto e Laura resolveram descansar no Gran Hotel Escuela, um hotel de duas estrelas que escolhemos por causa da diferença de preço do quarto duplo (32\$ ou três vezes menos do que o Casa Granda, na praça da catedral). Eu decidi aproveitar para fazer uma incursão pelos arredores.

Entrei em várias livrarias, inclusive um "sebo", em galerias, principalmente na *calle Herrera*, onde aliás, assisti, de passagem, a um ensaio de um grupo carnavalesco, no Museu do Carnaval. Passei por uma Casa de Trova, vi artesanato sendo produzido ali mesmo na rua, comprei uma pequena pintura singela tendo por tema o músico campesino. Um dos artesãos me explicou, a propósito dos automóveis americanos dos anos 40-50 que reproduzia em objetos de *papier-maché* cuidadosamente pintados, que eram bastante valorizados quando em bom estado de manutenção. Havia um *rally* de automóveis e um "mercado" no qual os melhores carros chegavam a ser cotados por 9.000 dólares, uma verdadeira fortuna.

A tarde fomos visitar o *Museo de la lucha clandestina*. Tivemos a sorte de sermos orientados por uma guia bem preparada. Situado no alto de um *cerro*, o museu foi palco da primeira tentativa revolucionária da juventude de classe média da cidade. Ali funcionava antigamente Polícia Nacional. Em 30 de novembro de 1956, membros do Movimento Revolucionário 26 de julho, tomaram e incendiaram o prédio. A medida fazia parte do plano de apoiar ao desembarque do Granma. O nome de Frank Paiz destacou-se como liderança santiagueña e da região do Oriente, num movimento próprio que, estruturado inicialmente na Ação Nacional Revolucionária, acabou por integrar-se no MR -26 de julho, liderado por Fidel Castro Ruz. Frank Paiz assegurou a base social urbana dos contingentes armados que lutam na Sierra Maestra. No Museu, haviam referências ao trabalho com os sindicatos, a confecção de bônus para financiar a atividade revolucionária, as cartas enviadas a Fidel, escritas até pouco antes de seu assassinato, numa rua de Santiago de Cuba, em 30 de julho de 1957. A abertura da II e III Frentes Guerrilheiras, às ações preparativas da greve geral, a abertura da IV Frente Oriental, incluindo outras ações que culminam na vitória de 1.º de enero de 1959, triunfo da guerra de libertação da tirania de Batista e do domínio colonial americano foram outras referências de que me recordo.

À noite, entre americanos, jantamos em grande (e caro) estilo no Casa Granda, porque nos desentendemos no restaurante do hotel e nada havia melhor nas proximidades do que o invariável frango. No self-service de 17\$00 por pessoa, escolhi o meu primeiro pescado em Cuba. O que poderia ter sido uma noite desagradável surpreendeu-nos com a apresentação de uma excelente banda, capaz de inovar com a inclusão de latidos (sim, latidos) para acompanhar, n'outro ritmo, a tradicional *Chan Chan*, ouvida quase até a exaustão por toda Cuba (e antes, no meu caso, pelo menos, no Brasil). Peixoto e a banda estabeleceram, como se diz entre nós, uma "conexão direta" porque, no meio de um repertório para agradar gringos, com salsa e bolero, ouvimos novamente o estribilho da música *Hasta siempre*, de Carlos Puebla. A letra completa da música é a seguinte:

Aprendimos a quererte
Desde la histórica altura
Donde el sol de tu bravura
Le puso cerco a la muerte.

**Aquí se queda la clara
La entrañable transparencia
De tu querida presencia
Comandante Che Guevara.**

Tu mano gloriosa u fuerte
Sobre la historia dispara
Cuando todo Santa Clara
Se despierta oara verte.

Estribillo

Vienes quando la brisa
Com soles de primavera
Para plantar la bandera
Com la luz de tu sonrisa

Estribillo

Tu amor revolucionario
Te conduce a nueva empresa
Donde esperan la firmeza
De tu brazo libertario.
Seguiremos adelante como juntos a ti seguimos
Y com Fidel te decimos
Hasta siempre, Comandante.

Estribillo

DIARIO DE UMA VIAGEM – PARTE 3

Rumo a Trinidad

Viernes, 12 de enero

A decisão de seguir o roteiro de viagem por um taxi alugado resultou da avaliação de que existia apenas horário noturno, por ônibus ou trem, com elevados custos para os nossos exaustos corpos. Ademais, havia, durante o dia, a possibilidade de descortinar a vista da paisagem. A sábia escolha instigada pela nossa *maestra*, mais do que marinheira, uma mestre-arrais de inúmeras viagens pelos mais recônditos lugares do planeta, foi-nos muito proveitosa.

O percurso que transcorreu com várias paradas entre as 9:30 e as 20:00 horas, teve episódios curiosos - como a venda de sanduíche de carne de leitão assado, que se podia ver por inteiro, com cabeça e tudo, ser fatiado na hora para o freguês por apenas cinco pesos! A altura de um cruzamento de linha férrea, tivemos a oferta de leitão, de um lado, e de galinha, de outro lado do automóvel em que viajávamos. Noutra momento, Peixoto comprou um queijo dos camponeses, por 20 pesos!

No almoço realizado num *paladar* em Las Tunas, um almoço farto e bem temperado, sobrou frango, carne de porco e camarões, que oferecemos ao nosso motorista, Pablo, para a sua ceia com a família, em Trinidad. O motorista, ao contrário dos anteriores, era bastante falante. Contei sobre a conversa com Lena na viagem para Santiago. Ele confirmou a informação de que alguns segmentos de trabalhadores recebem um bônus além do salário, disse que era na forma de um percentual de 1% sobre o salário pago em dólares e entregue como *travel-check*. Estimou que o pessoal do turismo e da pesca (lagosta, peixe, camarão) receba bonus de 8 dólares, o equivalente ao salário que ele ganha, exclusivamente. Ninguém chora à toa e, como se diz no Brasil, quem não chora não mama. Nesse caso, ele teria de dizer que ao seu salário se acrescenta a propina de cada viagem, representando quem sabe quantas vezes o bônus recebido pelos trabalhadores dos setores estratégicos da economia.

Os vencidos de ontem, vencedores de hoje?

Uma cidade é, de um modo geral, vista em seu conjunto, pelo menos nas sociedades modernas, a expressão de uma realidade mais ampla, de uma região ou de um país. Contudo há aspectos que a singularizam, traços locais, acumulações próprias.

Trinidad, mais do que uma cidade histórica, talvez seja um dos lugares onde os vencidos pela revolução anunciam a permanência de sua força no presente, com seus símbolos e, principalmente com a inscrição desse lugar na História. O que se quer mostrar ao turista é a época anterior à revolução, o fausto do século XVIII. Um bom observador haverá de perceber também uma intenção de recompor as rupturas provocadas pela revolução. Onde? Na arquitetura (belíssima, por sinal) da cidade histórica, preservada de um modo surpreendente, rivalizando a La Habana; nos cartazes com a foto do papa colados nas portas das casas; na estrela natalina de neon na cúpula da catedral, acompanhada de música "eletrônica" *made in Taiwan* (ou será China?); e na ausência de propaganda oficial em lugares vistos pelo grande público.

História, continuidade, permanência das diferenças. Não é possível ignorá-las mesmo que não se queira. Diferenças, visíveis na medida em que caminhamos, compreensíveis, numa primeira aproximação, em virtude da observação, do registro e da comparação.

Ao chegarmos em Trinidad, por volta das 20:00 horas, tivemos a oportunidade de entrar em contato com uma das famílias tradicionais da cidade, pois fomos alugar, por indicação de Pablo, uma *hostal*. Após deixarmos nossa bagagem na *hostal*, seguimos para o centro histórico. No caminho, várias mulheres nos abordaram, oferecendo uma *langosta*, um fruto proibido, por apenas 8\$, quando nos *paladares* não saem por menos de 12\$. Repetia-se aqui a disputa pelos dólares trazidos pelos turistas, deixando claro que os mais pobres também participam na luta pela redistribuição da renda. Ao

recusarmos, agradecendo a oferta, uma delas perguntou-me, depois de saber que eu era brasileiro, se eu tinha *jabón*, se podia conseguir *un poullover*, uma camiseta.

Sabado, 13 de enero

Durante uma insone madrugada, descobri os trabalhadores ambulantes de Trinidad. Como nos versos de João Cabral de Melo Neto, ouvi os galos tecendo lentamente a manhã através de seus cantos. Então, pouco depois, ouvi o anúncio repetido depois, no silêncio escuro, de tempos em tempos, - *El pan especiaaal!* Fui até a porta esperar que passasse pela casa. Comprei dois pães pela módica quantia de 2,50 pesos cada, para o nosso *desayuno*. Aliás, pão de trigo, um verdadeiro e delicioso pão de trigo. Mais tarde, quando o sol já despontara, passei por um vendedor de frutas, adiante tomei um café cubano e, mais tarde um pouco, depois de uma volta por uma plantação de mangueiras, algumas *galletitas* vendidas por uma velhinha numa "birosca".

Em nosso *desayuno*, propus que invertéssemos a forma de conhecer a cidade. Ao invés de começar pelo centro histórico, fazer o percurso inicial pela Biblioteca, depois procurar a Central dos Trabalhadores Cubanos. Aprovada a idéia, seguimos imediatamente para Biblioteca municipal. Lá vimos escolares estudando. Uma menina estava se preparando para um concurso de desenho. Conversamos com as bibliotecárias. Anotei, no mural, dentre as efemérides de janeiro - 1919, o assassinato de Karl Liebknecht e de Rosa Luxemburg. A visita nos deixou animados.

Depois fomos visitar a sede municipal da Central de Trabajadores Cubanos. Após algumas apresentações, fomos encaminhados ao secretário da CTC em Trinidad, um operário com um bom nível cultural e bem informado. Um bom tempo foi consumido por ele para demonstrar que conhecia a realidade do nosso país, em particular a exploração do trabalho feminino, o que, disse ele, a revolução eliminou em Cuba. Tentamos trazer a conversa para a realidade dos sindicatos em Cuba. Pelos comentários, ficamos sabendo que os sindicatos participavam da batalha pelo aumento da produtividade - a consigna *seguimos en combate* que vimos em vários lugares de Cuba parece ter a eficiência econômica como meta. Os salários por produção e a emulação socialista foram ressaltados como formas de remuneração e de estímulo aos trabalhadores para lograr as metas econômicas das empresas. Acrescentou que não há desemprego em Cuba, uma afirmação difícil de ser aceita até para ser aceita pessoas pouco informadas como nós. Em razão da recente recuperação da economia, dificilmente os antigos postos de trabalho já teriam sido recolocados, ou criados novos em número suficiente para a oferta de mão-de-obra.

Apresentei-lhe a minha pergunta sobre o papel da classe operária na revolução cubana, levantada no *Museo de la lucha clandestina*. Em vão. Falou de como a economia se organizou pelo país mas nada a respeito do movimento operário. Ficou a dúvida se os sindicatos podem representar os interesses específicos dos trabalhadores, autonomamente. E. quis saber como era financiada a atividade sindical. O secretário municipal respondeu que os trabalhadores se associam e contribuem para o sindicato. A contribuição faz parte de um fundo que é, contudo, gerida e distribuída pelo Estado.

Caminhando pelas ruas do centro histórico, entramos no roteiro turístico. Galerias de arte, pintores expondo seus trabalhos. Os temas predominantes iam da sexualidade à religiosidade afrocubana, passando pelas paisagens. Fomos até o *Museo de la lucha contra bandidos*. O museu ocupava a edificação do que foi outrora um convento. Nas diversas salas, a história de Cuba vista a partir de Trinidad: as *haciendas*, os escravos, com as rotas do tráfico, a independência, a revolução. A luta contra os bandidos, ou seja, os contra-revolucionários, ocupava a parte mais significativa do prédio. Ali constatamos a violência da reação e o heroísmo dos que tomaram. Tivemos a oportunidade de travarmos contato com um operário que participara da guerra civil em Angola, no contingente dos cubanos que defenderam Luanda. Participava de uma associação nacional de ex-combatantes e o governo ajudou-o a aprender uma profissão (ele era técnico em eletricidade). Mostrou-se interessado em saber a nossa opinião sobre a prostituição em Cuba, alegando que se tratava de uma escolha daqueles que não queriam trabalhar, fazer esforço como ele - e nos mostrou suas mãos calejadas. Comentei que não era um problema simples de resolver, e ele comentou - *es un problema moral*.

Saíamos. Passamos por uma casa dedicada a afrocubana Santa Bárbara de Cuba, isto é Yemanjá. Fui recebido por uma mãe de santo, uma mulher pequenina, franzina e de olhar hipnótico. Fiz uma oferenda à deusa. Adiante, num terreno baldio, ouvimos e fomos convidados a assistir a um

ensaio de uma banda. Foi o momento mais acolhedor em Trinidad. A uma certa altura de um *son* bastante incrementado, Peixoto dançou com a mãe de santo que ali também se encontrava. Com u'a mão apoiada no ombro do impetuoso dançarino, deixava-se conduzir. Percebi que ela estava comendo enquanto bailava.

À noite perambulamos pelo centro comercial de Trinidad. Numa das ruas que terminam na praça principal, uma casa de shows. Ao longo da praça, de um lado meninos brincando em "pedalantes", de outro comércio ambulante, com muitos vendedores de sanduíche de leitão.

Domingo, 14 de enero.

Na alvorada, fomos despertados pelo *toque da diana*, uma banda que percorre as ruas para dar início à Semana da Cultura Trinitária. Já desperto e motivado, resolvi conhecer as ruínas de uma igreja no alto de um morro, de onde pude descortinar a vista de toda a cidade, até o mar, distante (creio) quatro quilômetros. A caminho, verifiquei que os mais pobres moram na subida desse morro. A única consigna revolucionária que encontrei em Trinidad estava pintada numa parede - *No volveremos hacia al capitalismo (Fidel Castro)*.

A ausência de propaganda oficial nas principais vias de acesso, o retrato do papa nas portas de algumas casas e a falta de policiamento parecem retirar Trinidad do contexto do país. A senhora da *hostal* disse-nos que a igreja católica voltou à cena pública dois anos atrás, com procissões. Entretanto, no restaurante *Estela*, um agradável lugar que infelizmente servia apenas jantar, uma opção da dona face ao excesso de trabalho que a manutenção do expediente integral lhe impunha, encontramos uma fotografia de Che Guevara. No bar onde saboreamos *emparedados de jamón y queso* a 1\$50 havia uma tela de grandes proporções do comandante, com o olhar dirigido para um horizonte atrás do espectador.

Resolvemos viajar de volta a La Habana.

Os museus

Dentre os vários museus visitados, os museus da revolução merecem um comentário especial. Em Santiago de Cuba, tivemos a oportunidade de uma visita guiada. A senhora que nos guiou no *Museo de la lucha clandestina* tinha um bom nível de informação, embora não soubesse acrescentar maiores informações sobre a participação da classe operária e em particular da Frente Obrero Unida, na greve geral convocada pelo MR-26, referidas em cópias de documentos, boletins e periódico. Em Trinidad, o *Museo de la lucha contra bandidos* é esteticamente muito superior e, no entanto, menos esclarecedor para compreender a revolução cubana do ponto de vista histórico. Ademais, não houve guia e observei uma certa repetição de fotografias e documentos. Em Trinidad a história do país, com as referências à escravidão e às lutas pela independência nacional, são mais destacadas. Vistos em comparação, cada museu representa também uma espécie de atestado do movimento social em cada uma das cidades: Santiago de Cuba foi o ponto de partida e a principal base de sustentação da revolução democrática e anti-imperialista e Trinidad, uma região açucareira tradicional, onde a contra a revolução atuou com intensidade.

DIÁRIO DE VIAGEM – PARTE 4

Retorno a La Habana

Na viagem para La Habana, converso um pouco com uma norte-americana. Ela é de Washington, veio para cá com o intuito de aprender espanhol e movida pela curiosidade de saber o que era o comunismo. Quer saber o que eu acho de Cuba. Explico-lhe que os contrastes a que assistimos nas ruas devem ser analisados historicamente. A situação hoje é bem melhor do que há alguns anos, disse. E que não há um clima de opressão. Pelo contrário, inclusive por parte de pessoas do governo há o reconhecimento da existência de problemas. Ela não demonstrou maior interesse em

aprofundar a conversa. Ao longo da estrada, campos cultivados. Nalgumas pastagens gado vacum acompanhado invariavelmente das *enfermeras*, assim denominados os pássaros de uma espécie de cegonha que se alimenta e "alivia" as reses dos carrapatos.

Chegamos ao anoitecer em La Habana, dirigindo-nos a outro endereço. Desta vez fomos alojados num apartamento que ficava em Vedado, detrás da Biblioteca Nacional e nas proximidades do terminal rodoviário interprovincial. Ali, no *Pan de Paris*, fizemos um lanche muito bom.

Lunes, 15

Pela manhã visitamos a Basílica menor de São Francisco de Assis. Interessante do ponto de vista arquitetônico, bem iluminada, a antiga igreja desse convento, agora transformada em museu religioso, funcionava também como sala de concertos. Para a nossa sorte, quando entramos, um grupo de cordas composto unicamente por mulheres estava ensaiando Jesus, alegria dos homens, de Johann Sebastian Bach. Peixoto ficou maravilhado em saber que se tratava de um museu estatal e que, no segundo piso do convento funcionava uma escola pública.

Eu queria conhecer a Fundação Wilfredo Lam, um pintor que viveu em Paris nos anos 20 e sofreu forte influência do cubismo, em especial de Picasso mas que conseguiu encontrar uma identidade própria, com raízes cubanas. Infelizmente a Fundação, tal como o Museu de Belas Artes, estava em obras. Pensamos visitar o Museu da Revolução, mas fomos informados de que não abria na segunda. Sugeri irmos à Biblioteca Nacional, mas venceu a opção de visitarmos o Jardim Botânico. A excursão, pois foi de fato uma verdadeira excursão à periferia da capital, durou mais de meia hora, descobrimos uma outra parte da cidade, mais alta, um bairro de casas com terraços, onde outrora vivera a burguesia, passamos por uma grande escola secundária, atravessamos o Parque Lenin, vimos a ExpoCuba e finalmente chegamos ao Jardim Botânico. Faltava apenas uma hora para o encerramento do expediente mas fomos muito bem recebidos por um funcionário que, em rápido passeio, nos mostrou uma pequena parte do segundo maior (seis quilômetros quadrados) jardim botânico do mundo. O primeiro é o de Pequim, disse Peixoto. Ao retornar, descemos na Biblioteca Nacional. Para a minha surpresa, embora já estivesse com o horário de visitação encerrado, havia uma exposição sobre a vida e a obra de Anna Seghers na galeria da biblioteca, desde 8 de janeiro. Fantástico!

À noite tomamos um táxi para jantar no restaurante do *Hotel de Valencia*. O taxista nos conduziu por uma Habana que conhecíamos apenas através do filme de Wenders, *Buena Vista*. Ocorreu-me ter sido proposital aquele desvio, cruzando ruas escuras, quase sem movimento, prédios com ar de abandono, ao longo das quais avistamos jovens, crianç as, mulheres, pessoas de idade. Nenhum coletivo transitava por esta parte de *Habana vieja*. O taxista comentou, sem mais nem menos que ali vivia *gente mui mala, sin categoria, delinquentes*. Perguntado, esclareceu serem pessoas que praticavam atos ilegais. Como o que, por exemplo? - Roubo, se alguém deixasse um carro estacionado tiravam o toca-fitas, seriam capazes até de levar os pneus. Um mal estar tomou conta de todos nós com o que entendemos ser a manifestação de um forte preconceito social. Ademais, afirmou que a delinq ncia devia-se   dolarização da economia. Explicou que tudo se comprava com dólares mas a renda das pessoas era percebida em moeda nacional desvalorizada. Estava se queixando da vida, ele um advogado aposentado que ganhava 8 dólares mensais, tinha de complementar a sua renda dirigindo táxi.

À noite, exaustos, recusamos a oferta de água aquecida ao fogão. Também aqui o chuveiro não funcionava.

Análises sobre Cuba

Martes, 16

Fomos recebidos na Universidade de La Habana por uma senhora sorridente e imediatamente pensei que não combinava com a figura (como somos cheios de estereótipos!) de uma filósofa. Após as apresentações, conversamos sobre a nossa viagem e inevitavelmente sobre a avaliação da "NEP cubana". Ela concordou: sim, o período especial representava uma política de concessões ao capitalismo, que não se pode falar aqui de socialismo e contudo que se devia enfatizar a intenção de manter o projeto socialista. Apesar do sentido geral da política, advertiu, a comparação era falha, por que Cuba dispõe de poucos recursos naturais, a situação internacional da Rússia na época da NEP, nos

anos 20, era muito diferente da atual., etc. Toda comparação capenga, diz o ditado, porque os termos de comparação são limitados, pensei.

Falamos sobre o colapso do socialismo na URSS e seu impacto sobre Cuba. A crise não foi imediata, aconteceu ao final de dois anos, com o fim dos estoques estratégicos de bens importados e a política de ruptura das relações comerciais da Federação Russa com Cuba. No começo dos anos 90, face à grave situação econômica e social, teve início um processo espontâneo de dolarização e o câmbio atingiu o absurdo de 150 por um dólar. A ameaça de uma crise de governabilidade colocou Cuba diante de uma situação de colapso. Referiu-se ao *apagón* que durou 16 horas seguidas (lembrei-me de Lena, "os cubanos foram lançados num vazio para morrer"). A única política possível foi o controle do processo de dolarização, a criação de uma moeda capaz de garantir a conversibilidade entre o dólar e o peso, porque por pressão dos EUA, Cuba não pode usar a moeda americana em suas transações comerciais e financeiras. No contexto de uma economia deprimida, essa política acarretou desigualdades. Deve-se lembrar que há atualmente, inclusive no setor social, como na educação, diferenças, algumas escolas mais aparelhadas do que outras, em virtude de doações (aliás, vimos ônibus escolares doados pela França circulando em Habana). A experiência vinha demonstrando que o igualitarismo introduzido pela revolução mostrou-se em alguns casos inconsistente, gerando distorções.

(A questão fez-me lembrar do que havia comentado Lucia sobre o equívoco de compreender o processo revolucionário como uma tábula rasa do passado. O que significa isso? Que se esqueceu das acumulações, de diferentes acumulações que explicam, por exemplo, porque o Ocidente é hoje mais avançado técnica e materialmente do que o Oriente. Contudo uma revolução não precisa, em certo sentido, fazer tábula rasa do passado? A revolução não é o rompimento com uma ordem social e política, e com os valores, os pensamentos e a imaginação que a caracterizam do ponto de vista da mentalidade coletiva? Ao mesmo tempo, a revolução é uma transição: o futuro que precisa ser inventado dobra-se pela resistência oposta pelas forças do passado entranhadas no processo revolucionário.)

A abertura das empresas estatais ao capital estrangeiro para retomar o fluxo dos investimentos e renovar o capital fixo, trazer tecnologia, foi outro passo dado. Através de empresas mistas, o Estado cubano e as empresas estrangeiras estabelecem um contrato por prazo determinado para explorar um determinado ramo de atividade. Seguem as leis do país e preservam o emprego dos trabalhadores. No campo, admitiu-se a propriedade privada ao lado das empresas estatais e das cooperativas, algumas das quais (ao contrário do que se poderia supor), pouco produtivas.

(Como analisar Cuba sem identificar as relações de força estabelecidas entre, de um lado, o setor estatal e o planejamento que expressam, através do partido, um projeto socialista e, de outro lado, o capitalismo nas empresas mixtas e a pequena produção mercantil? Poder-se-ia falar na emergência de forças sociais? Visto na perspectiva histórica, o dilema central do governo cubano, ao admitir um recuo para o capitalismo sob controle do Estado ao mesmo tempo em que reafirma o projeto socialista situa-se, a meu ver, na ampliação da democracia socialista, no confronto de interesses sociais aberto com o "período especial" e na luta ideológica capaz de distinguir, também à luz da situação internacional, um caminho para o futuro. Em outros termos: é possível pensar o futuro, o socialismo, cada vez mais difícil nas adversas condições do presente, sem o desenvolvimento da luta de classes? Essas interrogações nos fizemos depois, principalmente Peixoto e eu. Mas estavam implícitas em nossa conversa.)

O futuro...Para a nossa interlocutora, não haverá futuro para um projeto socialista em Cuba se não houver a afirmação constante de valores éticos. Não continuamos a discutir sobre o tema, pois a nossa conversa tomou outro rumo.

(Penso que um projeto socialista tem de ser a expressão das camadas mais avançadas dos trabalhadores e seus valores éticos somente podem ser aqueles que, em consonância com o trabalho criativo e o desenvolvimento das capacidades humanas no contexto da ação coletiva, distinguem, nas condutas e aspirações, o individualismo e a solidariedade, o utilitarismo e a reciprocidade, a guerra e a paz. A afirmação atual desses valores supõe a *batalla de ideas* desenvolvida pelo partido não apenas

em termos de denúncia do imperialismo mas no enfrentamento das contradições sociais (a corrupção, a desigualdade social, a marginalidade) que se aguçam como o renascimento do capitalismo, mesmo que sob controle do Estado. Em outros termos, não poderá haver desenvolvimento desses valores sem aprofundamento da democracia socialista, quer dizer, da participação ampla e consciente dos trabalhadores.)

À noite, depois do jantarmos no Barrio Chino, caminhamos nas imediações do Capitólio em busca de um taxi. Faço comentários sobre o episódio dos *reyes magos*. Assistimos a uma parte de transmissão do noticiário e ao longos comentários sobre o caso na TV cubana. Triste episódio: a embaixada espanhola organizara, com autorização do governo, uma festa de reis; esta festa incluiu o desfile de atores representando os três reis magos em carruagem que passeou pelo centro de Habana. A certa altura, os "reis" lançaram caramelos à multidão de crianças que previsivelmente (fariam o mesmo aqui, independente da classe social) se atiraram ao chão para pegá-los. A agressão ficou por conta das intenções inequivocamente más por parte da embaixada, pois quem já viu um rei mago parecer-se com um "barbudo" da Sierra Maestra e, ademais, passear distribuindo caramelos? Como isso pode acontecer? Será que o governo também não foi surpreendido? Lembrei que, por outro lado, o assunto foi debatido na televisão durante dias mas sempre repetindo a emissão do mesmo programa. Sabe-se que, do ponto de vista comunicacional, a redundância é um grave erro.

À noite, antes de adormecer, Laura e eu conversamos mais uma vez sobre os dilemas de Cuba. O igualitarismo de uma sociedade que tinha acesso aos bens e serviços essenciais, vivendo numa situação de pobreza crônica (sem que isso significasse uma situação de miséria e um estado de mal estar) durante décadas, foi possível pela inserção do país no Comecon, que lhe trazia muitas vantagens, principalmente os preços subsidiados do petróleo importado e do açúcar exportado. E se perguntou se isso não teria facilitado um certo acomodamento. Ao mesmo tempo, diante de tudo o que vimos e ouvimos, deixou a seguinte pergunta no ar: não estaríamos exigindo demais do povo cubano?

Talvez não seja possível aos cubanos preocupar-se com o futuro dadas as premências do presente. A nossa viagem pelo país deu-nos a impressão de que Cuba, como enfatizou Laura, dispõe de recursos naturais, um certo equilíbrio demográfico e u'a mão de obra qualificada. Ela também acredita - esse ponto é bastante enfatizado por Peixoto -, na necessidade de uma agricultura mais diversificada do que a existente, de modo a produzir alimentos baratos para a população. Conversamos sobre a possibilidade de aproveitar a cana-de-açúcar para produzir álcool motor, importando quem sabe a tecnologia brasileira para, desse modo, poupar divisas com o petróleo. Tudo isso são opiniões de estrangeiros que acabaram de chegar a um país; são, contudo, opiniões de pessoas apaixonadas por este mesmo país.

Em sua análise sobre Cuba, Eduardo Dmitrov escreveu o seguinte:

Entre 1970 e 1986 a economia foi reorganizada conforme os esquemas de planificação centralizada existentes na URSS que foi responsável pelo rápido crescimento econômico e social vivido pela ilha. A planificação foi essencial para garantir uma estabilidade econômica e criar condições para um crescimento equilibrado. Entretanto, a importação desse sistema de organizacional traz consigo alguns problemas, como o do economicismo, em que o crescimento social, político e cultural fica em função da expansão econômica. Che Guevara havia caracterizado o estímulo ao trabalho com o lado moral se sobrepondo ao lado material, porém os trabalhadores acabavam produzindo mais quando tinham privilégios materiais. Dessa forma, o conceito estabelecido por Guevara foi abandonado e os operários passaram a produzir mais somente mediante a prêmios materiais.

Como resultado, produziram-se desequilíbrios econômicos, à proporção que cada empresa determinava suas metas, e não se tinha a visão de suprir, de uma forma global, as necessidades dos vários ramos da economia. Os salários por sua vez, aumentavam na dependência do cumprimento de metas

relativamente baixas, o que possibilitava altas salariais sem correspondência com o crescimento efetivo da economia.

A autorização para o funcionamento de mercados paralelos, onde produtores independentes forneciam suas mercadorias excedentes a preços liberados, por sua vez, incentivou atitudes mercantilistas, em que os preços atingiam patamares altíssimos, já que havia maior disponibilidade monetária, resultado artificial dos mecanismos descritos acima.

O desequilíbrio econômico era geral. Em 1986 iniciou-se a *campanha de retificações*, que visava superar os erros cometidos. O livre mercado foi novamente suprimido, estabeleceram normas para o trabalho por conta própria, foram alteradas as normas de prêmio por produtividade e foi incrementado, novamente, o trabalho voluntário como forma de retribuição do indivíduo à sociedade que lhe oferece diversos serviços gratuitos. As desproporções salariais foram reduzidas e o salário mínimo foi estabelecido em 100 pesos (um peso equivale a um dólar americano).

Cuba apoiou sua economia no intercâmbio com as comunidades socialistas, não tendo outra opção de comércio devido o bloqueio norte-americano. No final dos anos oitenta, quando cuba tentava se reorganizar, o perigo do colapso socialista no Leste europeu preocupava o governo da ilha. Fidel Castro, em um encontro em São Paulo com intelectuais brasileiros em 1990, mostrou sua posição:

Temos planos para o caso do bloqueio total, numa situação em que não possa entrar uma única bala, nada. Estamos a estudar agora, a partir destes problemas que têm surgido na Europa do Leste e da atitude de um grupo de países, o que fazer; mas, sobretudo, o que fazer se surgirem problemas sérios na URSS, se surgirem conflitos graves dentro da URSS, se surgirem fenômenos de desintegração da URSS, se apesar dos esforços, da sua vontade de cumprir todos os acordos com Cuba, não puder cumpri-los. Porque há que dizer que os soviéticos estão a cumprir estritamente todos os acordos com Cuba. (...) Apesar disso, podem surgir realmente problemas e temos de analisar essa perspectiva realista e friamente: que fazer, que setores continuar a desenvolver; que fazer com o desenvolvimento social, que terá que parar quatro ou cinco anos. Felizmente, temos avançado tanto que nos podemos dar ao luxo de parar quatro ou cinco anos até a construção de moradias; mas os planos de produção de alimentos não pararão os planos de desenvolvimento da indústria farmacêutica e da biotecnologia, que estão a alcançar um auge enorme, não pararão; os resultados da exploração científica que se está a produzir no nosso país serão aplicados imediatamente, com prioridade; também não pararemos outros planos que ajudarão a melhorar as condições econômicas. (...)

Em 1991, quando a queda do socialismo europeu se efetivava, Cuba foi ficando completamente bloqueada. Sua economia dependia do mercado externo, tanto para vender seus produtos primários como para abastecer a ilha de produtos elementares que não eram produzidos por suas fábricas. A especialização da economia cubana supunha o intercâmbio de produtos para suprir suas necessidades. Cuba que antes fazia parte de um todo agora deveria se manter sem ajuda externa.

PRODUTO NACIONAL BRUTO	
DATA	PNB
1984	US\$ 26,9 Bilhões
1990	US\$ 20,9 Bilhões

DESEMPREGO	
DATA	PERCENTUAL
1983	4,40%
1988	6%

Com base nos dados mostrados acima, fica visível a desaceleração na economia cubana com a desorganização do bloco soviético e o isolamento cada vez maior, da ilha de Fidel. Seu PNB perdeu seis Bilhões em seis anos e o desemprego aumentou 1,6% em cinco anos.

A comunidade econômica socialista apoiou Cuba no processo que visava transformar um país primário- exportador em um outro com um desenvolvimento social comparável a de um país de primeiro mundo. Se Cuba não tivesse passado por esse processo provavelmente sua situação atual seria muito parecida com a do Haiti ou da República Dominicana, já que ambos tinham a mesma estrutura sócio-econômica em 1959. As relações cubanas com a comunidade socialista tiveram boas e más conseqüências. O desenvolvimento de Cuba é bem marcado pela planificação e integração da ilha na economia internacional, porém, isso acabou por torná-la extremamente dependente do mercado socialista. Essa dependência resultou na crise após o colapso da URSS.

Mesmo contando com intercâmbios privilegiados com a Rússia, que por sua vez também necessitava dos produtos cubanos, não era possível estabelecer planos a médio e longo prazo pois a economia Russa estava completamente instável.

A nova ordem mundial não dá espaço para o desenvolvimento do socialismo em Cuba. O avanço do neoliberalismo nas nações da América Latina fazem com que se distancie cada vez mais da política social adotada pelo governo revolucionário cubano e mantida bravamente por Fidel Castro que segue, assim, o desafio de construir uma sociedade efetivamente socialista em uma ilha isolada de qualquer tipo de apoio estável. Fidel teme a massificação e o imperialismo ideológico norte-americano, e para evitar que a população seja iludida pelas “belezas do capital” a censura se faz ativa. É uma forma de conter a propaganda enganosa, mas acaba por criar uma situação desagradável onde a liberdade se torna restrita. Cuba precisa de apoio econômico, preferencialmente de países continentais, para que sua economia seja estabilizada novamente e o progresso social volte a caminhar.

Em todas as análises há sempre um mesmo ponto obscuro. No texto acima, quando se fala do trabalho ressalta-se, na linha de Guevara, a dimensão moral versus econômica. Entretanto, como reforçar a dimensão ideológica sem conferir aos trabalhadores o papel dirigente na organização da economia durante a transição para o socialismo? De fato o tema não aparece no texto. Nossos interlocutores em Cuba tampouco tocaram no assunto. Esta é uma questão importante que foi colocada por Guevara no início da revolução.

DIÁRIO DE VIAGEM – FINAL

O genuíno azul

Depois da conversa na Universidade, fomos almoçar logo adiante, no Hotel Colina. Tomamos em seguida a direção de Habana vieja, com o intuito de conhecer a fábrica de charutos que fica atrás do Capitólio. O preço de 10 dólares afastou-nos dali. Aguardamos um pouco no Café *Louvre*. Na placa em memória ao capitão de exército espanhol Nicolas Estevanez (1838-1914) há um trecho do discurso proferido em 27 de novembro de 1871, um protesto contra o fuzilamento de oito estudantes cubanos durante a luta pela independência:

Antes que la patria estan la humanidad y la justicia.

Eis uma frase que também subscreveríamos.

Laura e Peixoto decidiram descansar. Eu segui no taxi até a Biblioteca Nacional para ver a exposição sobre Anna Seghers. Por pouco não me deixo contaminar pela exasperação com o taxista que apesar de não usar o taxímetro, pretendia estipular o preço de seis dólares. O assunto terminou com xingamentos entre nós e o pagamento de um valor abaixo do pretendido pelo motorista. Lembrei-me do acontecido outro dia quando o taxi também havia rodado com a bandeira *libre* mas resolvemos pagar. Mais tarde, enquanto esperava a busca de um exemplar do romance *La septima cruz*, fui dar uma volta. Na rodoviária, havia uma espécie de "sebo" e ali encontrei por 2,40 pesos, um livro narrando a luta grevista a partir de depoimentos e documentos da época dos anos 20. Paguei em dólares, pedindo que me trocassem. Isso de fato aconteceu, mas a senhora que me atendeu transformou os pesos em dólares, voltando 2\$60. Olhei atentamente para ela, pareceu-me ser muito pobre, pois usava uma toalha para proteger as costas do frio. Fiquei triste pelas coisas que estavam acontecendo. Mas eu estava decidido a aproveitar a tarde na Biblioteca. Seguem-se alguns dados sobre a vida e obra da escritora alemã, a partir de anotações da exposição organizada pelo Instituto Goethe do México que fiz naquela tarde. Agrego outras informações obtidas em livros traduzidos para a língua portuguesa no Brasil, destacando-as em negrito.

Anna Seghers é o pseudônimo de Netty Reiling, nascida em 1900, numa família de judeus em Mainz. Passou a dotar o sobrenome do refugiado político húngaro Lazlo Radvanyi depois de 1919. **Publicou seu primeiro livro, *Grubetsch* em 1927, sob o pseudônimo Seghers. Em 1928 ingressou no Partido Comunista Alemão. A revolta dos pescadores de Santa Bárbara**, sua primeira obra importante, recebeu o Prêmio Kleist de Literatura em 1928. Seguiram-se *Passeata à embaixada americana*, em 1930, **um protesto pessoal contra o assassinato de Sacco e Vanzetti** e *Os companheiros*, em 1932, **livro de solidariedade às lutas cada vez mais intensas do operariado europeu, especialmente dos húngaros, poloneses e romenos**. No começo dos anos 30, em virtude da perseguição contra a esquerda socialista e o estado de exceção imposto pelo golpe nazista de 28 de fevereiro de 1933, no dia imediatamente subsequente ao criminoso incêndio do prédio do Reichstag (parlamento alemão), ela havia sido, como milhares de companheiros, presa. Foi depois libertada e então emigrou para a França, onde permaneceu com a família até 1941. No exílio francês, escreveu *A recompensa* e *Caminho através de fevereiro* (1934-36), **este sobre a revolta dos trabalhadores austríacos contra o regime de Dolfuss** e também *A salvação*, **romance que se passa entre os mineiros alemães**. Participou do Congresso Internacional de Escritores em Defesa da Cultura, em Paris, no ano de 1935, o ocasião em que apresentou a intervenção Amor à pátria para ressaltar que havia também um ponto de vista de esquerda (e não apenas o nacional-socialismo) sobre o país onde cada um nasce e encontra suas raízes. Neste período, participa na polêmica sobre expressionismo versus realismo, entre Ernst Bloch e Georg Lukács. Anna Seghers posicionou-se ao lado de Bloch, o que implicava, em termos mais amplos, a defesa da importância da herança cultural na transição para o socialismo. Manteve correspondência com o filósofo húngaro durante o ano de 1939. Em 1941, com a ocupação da França pela Alemanha nazista, fugiu para o México. Durante a travessia pelo Atlântico, escreveu *Em trânsito*.

No exílio mexicano publica a sua obra mais conhecida e renomada, *A sétima cruz*, iniciada em 1937 e concluída em 1942 e publicada no México pelo Editorial Nuevo Mundo em 1943, com 484 páginas impressas em alemão! Era o resultado da ação do Club Henreich Heine, sustentado pelo Movimento Alemanha Livre, organizado nos anos 1941-42. Nas revistas *Freies Deutschland* e *Neues Deutschland*, publicou artigos e narrativas. Os anos passados neste país permitiram-lhe publicar *O passeio das meninas mortas* (1943), **novela trágica sobre o destino terrível de toda uma geração**, escrita depois de um grave acidente de trânsito e subsequente hospitalização e *Os mortos permanecem jovens*, **romance de maior fôlego publicado em 1948**. Em 1947, regressava à Alemanha para participar do processo de reconstrução do país já dividido entre dois sistemas. Em 1949, tomou parte do Congresso Mundial da Paz em Paris. Entre várias fotos, há um em que aparece ao lado de Pablo Neruda e Jorge Amado. Seguem-se *O retorno* (1949), *O homem e seu nome* (1950), *O genuíno azul* (1967), *Histórias do Caribe* (1962), *A força débil* (1965), *O juiz justo*, um manuscrito de 1957 encontrado em 1990 e que expressa bem a sua posição crítica e anti-stalinista na situação da República Democrática Alemã, *A decisão* (1959) e *A confiança*. **Presidente, a partir de 1952, da União dos Escritores Alemães, renunciou ao cargo em 1978. É famosa a sua Carta aos Escritores Latino-americanos em que, analisando o trabalho de Tolstoi para a elaboração e a escritura de Guerra e Paz, Anna Seghers opina sobre o exercício da atividade artística, criticando os cânones do realismo socialista.**

Dentre suas opiniões anotei estas palavras, escritas em 1959 e que expressam bem a sua luta e o seu valor:

Si un ser humano se puede desarrollar conforme a su talento y a sus habilidades, o si se le impide tal desarrollo y se ve constantemente rechazado, - esto es un importante criterio para (juzgar) el orden social en que vive una persona.

Ela buscava seus heróis na realidade da vida cotidiana, nos homens e mulheres simples, seres contraditórios que, em situações de mudança, eram capazes de colocar-se à altura das exigências, exatamente porque, nos paradoxos da rotina, sempre se mantiveram vinculados a valores construtivos - ainda que nem sempre de modo coerente. Escreveu com a força da paixão, de uma paixão que não é cega mas se apoia na vasta cultura legada pelo longo desenvolvimento da humanidade, acolhida pelo socialismo. James Amado no afirma, no Prefácio de *Histórias Vividas*, traduzida por ele próprio para a edição brasileira da Cultrix, que não poderemos entender o século XX do ponto de vista dramático, com seus embates e esperanças em meio às guerras e os pesadelos coletivos, sem sua mais apaixonada testemunha - Anna Seghers.

Anna Seghers faleceu em 1983.

Do poema manuscrito que lhe dedicou Heiner Müller, reproduzido pelo Instituto Goethe do México, consegui distinguir o seguinte verso

Epitaph

Ihr platz, wo Penelope schläft.

Se eu não tivesse outra razão para justificar minha estadia em Cuba (e as tenho, de sobra), bastaria ter encontrado lá o romance "A sétima cruz" que, na minha adolescência, em 1968, li durante dias seguidos na sala de leitura da biblioteca pública de Curitiba e que, desde os anos 80, vinha, de balde, procurando. Nunca consegui encontrar, em minhas andanças por "sebos", feiras de livros,

livrarias ou em bibliotecas, inclusive na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, sequer localizar um único exemplar do livro. Deram-me várias referências para localizar a obra em livrarias de La Habana, situadas nas *calles G y Malecón, L y 27, Vedado (Fernando Ortiz)* e no *Boulevard San Rafael (Humboldt)*. Mas essa aventura não foi necessária porque Peixoto ganhou uma duplicata que me presenteou acompanhado de uma emocionada dedicatória.

De volta ao Neptuno

Miércoles, 17

Após outra tentativa frustrada de tomar banho quente decidimos sair daquela casa em Vedado. Conversamos com o proprietário, Frederico e ele, desculpando-se, disse não ter como trocar o aparelho, que não existia à venda senão no mercado negro e agora não valia a pena fazer este gasto, afinal iria mudar para um apartamento que estava comprando em outro lugar de Vedado. De pronto, novos dados emergiam e que aqui apenas registro.

Fizemos o traslado para o Hotel Neptuno, com passagem pela 5ª Avenida. O taxista, depois de apontar-nos algumas embaixadas, interrogado sobre as empresas mistas, disse-nos que a participação se fazia por contrato nos termos do capital investido. Relatou que o percentual do lucro dependia do investimento. Levantou a hipótese de que no caso do Neptuno, o governo cubano tinha a maior parte do lucro, enquanto nos hotéis da rede Meliá, o grupo espanhol retinha a maior parte, talvez 75%, por causa do grande investimento, era um hotel ultramoderno. Constatei, mais tarde, conversando com um funcionário que O Neptuno agora era exclusivamente estatal. O contrato vencera, deixando o hotel Neptuno nas mãos exclusivas do governo sem grandes investimentos por parte do associado estrangeiro. Apesar disso, o serviço era bom e as nossas refeições no Coral Negro, de excelente qualidade e bom preço. Gastamos no almoço nove dólares cada um, incluindo a bebida. Passamos a tarde descansando. Comprei passagem de excursão a Varadero para mim e Laura. À noite, ao jantar no Coral Negro, fomos brindados por música ao vivo, executada pela pianista Caridad Jubán Perez. Tocou, a nosso pedido, as composições brasileiras que conhecia (Aquarela do Brasil, Garota de Ipanema) e depois, a incrível *Que manera de quererte*, de Luís Rio.

Viver é impreciso

Rio de Janeiro, 21 de janeiro - 08 de fevereiro de 2001.

O nosso retorno ao Brasil foi marcado, no Aeroporto Internacional de Cumbica, Guarulhos (São Paulo) pelo desagradável incidente da perda e desaparecimento da maleta onde estavam livros, uma garrafa de Havana Club, postais e a filmadora, com a fita contendo toda a viagem de Trinidad em diante.

Recuperado depois de quase 10 horas de sono ininterrupto, durante as quais sonhava que falava em espanhol), aceitei resignado a perda.

No dia 18, tomamos um ônibus para Varadero. Guardo na memória as imagens fugazes, vistas do ônibus, da passagem por Matanzas, a Atenas cubana, dos poços de petróleo à beira-mar, da maior usina termo - elétrica de Cuba, das montanhas, vales, desfiladeiros, rios e do mar do Caribe. Na belíssima praia de Varadero, encontra-se tudo aquilo que caracteriza o turismo nos dias de hoje - passeios de barco, esqui aquático, estrangeiras fazendo topless e cubanas "sensuais" fazendo poses, boa comida e mojitos, inclusive a preços razoáveis. Tive a oportunidade de mergulhar numa área de corais, os peixes me seguiam, como se, igual a eles, eu pertencesse ao mundo submarino. Um momento surpreendentemente belo, ilustrativo da relação metabólica entre sociedade e natureza em Cuba, quem sabe um pedaço do paraíso perdido.

Em La Habana, no dia seguinte, dia de nossa partida, tomamos café bem cedo com destino ao Malecón. Peixoto e eu chegamos ao ponto inicial da marcha contra a chamada Lei de Ajuste Cubano, uma Lei Assassina - uma lei americana decretada nos anos 60 que estimula a emigração para aquele país, garantindo aos fugitivos cubanos condições especiais como cidadania, qualificação e emprego, que já provocara várias mortes na travessia do mar do Caribe e recentemente o caso do menino Elián. O motivo imediato da marcha foi, desta vez, a morte de dois jovens, congelados nos trens de pouso de

um avião com o qual sonhavam chegar à casa do avô, e que, tragicamente, tinha por destino não os EUA mas a Inglaterra.

A pontualidade nos surpreendeu. Milhares de pessoas já estavam em marcha, uma verdadeira festa política, pois a alegria predominava naquele ato de protesto. O pessoal do Chile, a maioria moças, era o mais animado. Os refrões eram repetidos com garra - *Abajo la lei asesina!* Não vi quaisquer alusões contra o capitalismo e perguntei-me se isso já não era uma contraditória implicação da política de concessões ao capitalismo. Os dois partidos comunistas brasileiros e o MST estavam lá, os militantes eram "brigadistas". Na única sacada do alto edifício do Escritório de Negócios dos EUA, três funcionários observavam a marcha. Por volta das 11 horas a marcha de mais de um milhão de pessoas estava acabando. Tomamos um *cocotaxi* para voltar ao Neptuno, passando antes pelo moderno Teatro Karl Marx.

Ao anoitecer, no Aeroporto internacional de La Habana, mais uma surpresa: uma área de recreação infantil, com a participação de recreadoras. Uma lembrança da prioridade das crianças e do desenvolvimento das relações humanas que se deseja preservar. Nos minutos que antecederam a entrada no avião, ainda vi exposto para venda o livro *Crisis, ayuste e situación social. Cuba, 1990-1996*, de um autor cujo nome esqueci.

Há que se debruçar sobre a experiência cubana, ler os livros de Leo Huberman e Jean-Paul Sartre, escritos na fase inicial da revolução e, principalmente, o que Guevara escreveu. Na minha estante, folheio a edição brasileira dos *Textos Econômicos* de Che, publicados pelo Centro Editorial Latino-americano em 1980.

No dia 18 de junho de 1960, Ernesto Guevara, em discurso que recebeu o título "A classe operária e a industrialização de Cuba", assinalou que a revolução não podia progredir se as medidas tomadas pelo governo não fossem assumidas por todo o povo. Era uma conferência dirigida aos operários e ele explicou que isso se devia principalmente a uma necessidade social - seria impossível criar uma sociedade industrial sem a compreensão, pelos operários, das tarefas que lhes cabiam e da importância daquele momento. Ele não fez rodeios, carecia disso quando falava a revolucionários. Identificou as fraquezas do processo revolucionário, um movimento insurrecional de base camponesa que não encontrou na incipiente classe operária uma força revolucionária. Sob a liderança de Eusébio Mujal, os sindicatos firmaram um acordo com a ditadura de Batista, trocando privilégios materiais pela abstenção política. E após a conquista do poder, os representantes desta tendência ainda tentaram bloquear o desenvolvimento do movimento sindical.

Ao ler estas palavras, consigo compreender as dificuldades do sindicalista de Trinidad e da guia do Museu em Santiago de Cuba em responder à questão do papel da classe operária na revolução cubana.

Guevara retomou o tema da relação entre os sindicatos e o socialismo em outro momento, no artigo "Discussão coletiva, decisão e responsabilidades únicas", publicado na revista *Trabajo*, em junho de 1961. Ele não via contradição entre o papel dos sindicatos em defender os interesses específicos da classe operária na empresa ou fábrica e o outro, de mobilizar os trabalhadores para os objetivos do socialismo. Os interesses de um setor quanto a normas de trabalho, a admissão de certas regalias obtidas através de anos de luta, as necessidades prementes dos trabalhadores, uma convenção de trabalho: como se pode considerar esses interesses, admitindo inclusive que *a implantação do socialismo não acaba com as contradições mas modifica a maneira de as resolver?* A resposta de Guevara a esta questão por ele próprio colocada implicava o desenvolvimento superior da consciência social entre os sindicalistas.

O desempenho do duplo papel implicava a participação dos sindicatos na direção das unidades produtivas e a formação de comitês técnicos, constituídos pelos operários mais qualificados, para aconselhar o administrador das unidades produtivas. Assim, sob estas condições em que o poder não ficava centralizado nas mãos dos administradores, as contradições poderiam ser resolvidas por meio do método da discussão e da persuasão, algo que deveria se dar de modo contínuo e sob a forma de uma comunicação ininterrupta entre esses três organismos. Contudo a participação direta, de todos os trabalhadores, ficaria ainda assegurada pela assembléia de produção, onde se discutiria o andamento das atividades industriais e do plano e se faria a avaliação do trabalho individual e coletivo.

Que vontade de saber como está hoje, trinta anos depois, o enfrentamento dessas questões levantadas por Guevara. Eis então, um dos resultados da viagem: a vontade de retornar.

Mas eu ainda não terminei o relato da viagem de volta, desta viagem *redonda*. Retomemos o fio. Entramos no avião e depois de um curto descanso propiciado pela ascensão até a altura de cruzeiro, reencontrei uma jovem que Laura e eu conhecemos na visita a Varadero. Pouco a pouco, outras pessoas foram-se agrupando em torno de nós. Em meio a conversação política animada com um médico (havia mais de 15 deles, dirigindo-se a diversas partes do Brasil e da América Latina) e um desportista cubanos, com uma estudante de filosofia e outra de educação física brasileiras, uma conversa que nos absorveu, madrugada adentro, durante o regresso ao Brasil, dou-me conta de que independentemente das tendências de curto e médio prazo - da possibilidade do regresso ao capitalismo, por força da dinâmica já instaurada dentro do país e das tenazes do capital financeiro, do bloqueio, da troca desigual -, a experiência de 40 anos de socialismo na Ilha de Cuba já deixou seus frutos. Os estudantes brasileiros, principalmente de São Paulo, sabem disso e buscam apropriar-se para aumentar a riqueza de sua cultura científica e técnica. Aprenderão mais do que isso.

Agora, depois de uma conversa telefônica com meu amigo Marcos, penso que o desenvolvimento da cultura, dos esportes, da ciência, com base no aperfeiçoamento do ser humano, inspirado pelo ideal do desenvolvimento das capacidades de todos de modo solidário - e não meritocrático e desigual, sob o látigo da fome e do desemprego, do monopólio dos recursos financeiros e técnicos -, representa uma contribuição inegável para o futuro da humanidade. A pobreza a que se viu obrigada Cuba favoreceu o desenvolvimento desses frutos que a humanidade precisará nas próximas e difíceis décadas. A disseminação dos benefícios da revolução cubana pela América Latina, a exemplo do sistema de saúde, e o seu conhecimento progressivo pelos povos dos países centrais do capitalismo, deixam entrever o socialismo ilhéu como parte avançada de uma civilização transitória que servirá como um elo de ligação com as lutas que virão, quaisquer que sejam, por um mundo mais justo e humanizado.

Hasta siempre

Ao despedir-me de Trinidad, na noite de sábado, 13, filmei a rua Simon Bolivar. Uma parte se encontrava na escuridão, outra totalmente iluminada, como se retratassem a divisão existente em Cuba. No bar da esquina, onde comemos nossos excelentes *emparedados de jamón y queso*, há um quadro em tons amarelo, ocre, preto, reproduzindo a figura de Che Guevara com a cabeça apoiada numa das mãos, enquanto a outra segura um charuto. O seu olhar impenetrável, os senhos franzidos de preocupação, dirige-se para além do espectador, para a história que os cubanos estão fazendo. *Seguiremos adelante, comandante?* Será possível e justo fazer um julgamento sobre o que assistimos, em tão pouco mas denso tempo? O melhor será recorrer outra vez a Silvio Rodriguez, para dizer, com suas palavras o que talvez apenas o povo cubano possa sentir:

**Al final de este viaje en la vida, quedará
Nuestro rastro invitando a vivir.
(...)
Quedamos los que puden sonreír
En medio de la muerte, en plena luz.**



La Habana



A caminho de Santiago de Cuba



A caminho de Santiago de Cuba



Santiago de Cuba



Trinidad



Manifestação contra a Lei assassina: delegação chilena